

DEBATES

A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DA TEORIA NO CONHECIMENTO CIENTÍFICO*

Regis de MORAIS, Ph. D.

UNICAMP - Campinas

Falando para uma platéia ou escrevendo para presumidos leitores, o que sempre mais se deseja é trazer uma mensagem prometeica. Roubar um pouco do fogo dos deuses para renovar, de forma marcante, os propósitos dos que nos ouvem ou lêem. Ocorre, porém, que muitas vezes urge mais um vdo rente à poética do cotidiano do que alguma audaz aventura filosófica de alta impostação. Aliás, só o cotidiano pode legitimar, de fato, essa não-cotidianidade (por ser sistematização) chamada Filosofia. Por mais prosaico que possa parecer, o cotidiano é o cadinho de nossas angústias e necessidades mais verdadeiras. Eis porque aqui voltamos à questão da necessidade do espaço teórico.

Hoje, à semelhança de em outras eras, ergue-se perante o ser humano uma aparente oposição. Refiro-me à oposição entre teoria e prática. Sem dúvida, o senso comum concebe teoria e prática como opostos, muitas vezes considerando a teoria desnecessária e até mesmo nociva a uma prática mais espontânea. Não nos apressemos, contudo, em afirmar que isto é coisa do conhecimento vulgar, coisa apenas da rudimentaridade do senso comum. Em esfera filosófica, bem como em campo científico, podemos também encontrar aval à visão opositora que confronta

(*) Conferência pronunciada no Seminário Brasileiro de Teoria do Psicodrama, Serra Negra (SP), 01 a 03/10/1993.

teoria e prática. Seria conveniente aduzirmos apenas alguns exemplos. Na **filosofia pragmatista**, a qual avalia idéias e ações humanas por seus resultados práticos, encontramos uma oposição entre teoria e prática que se louva em confesso utilitarismo; tal utilitarismo se põe como critério de verdade no pragmatismo, o que acaba privilegiando o valor da prática. Já o **idealismo filosófico**, que identifica o real com o racional, faz da teorização um fim em si mesmo, deleitando-se em teorizar indefinidamente, como se a própria teoria pudesse substituir a prática - no que, é claro, se vê o privilegiamento da teorização. Além disto, o **materialismo cientificista** levanta restrições à teorização, sobretudo quando Marx e Engels (na XIª tese sobre Feuerbach) cunham uma afirmação de impacto ao escreverem acerca de que "Os filósofos já pensaram muito sobre a realidade; agora cumpre transformá-la".

Até aqui estivemos laborando em terreno filosófico. Mas será importante não nos esquecermos de que muitos profissionais da área científica aceitam a visão do senso comum e a do "senso incomum" dessas filosofias, encontrando facilidade e comodidade em opor a teoria à prática.

Ora, por mais extemporâneo que pareça um tal questionamento, precisamos perguntar se poderá ter alguma consistência a oposição que vimos comentando. A tal respeito pronuncia-se o filósofo mexicano (muito lido entre nós) A. Sánchez Vásquez, observando que: "...só se pode falar de oposição - e sobretudo de oposição absoluta - quando as relações entre a teoria e a prática são formuladas em bases falsas, seja porque a prática tenda a desligar-se da teoria, seja porque a teoria se negue a vincular-se conscientemente com a prática" (1968: 210).

Sabe-se que original e etimologicamente, a palavra teoria é correspondente ao vocábulo grego *theoria*, o qual significa contemplação e deriva da forma verbal *theorein* (contemprar). É, porém, curioso quando percebemos que, isto dizendo, quase nada mais estamos fazendo do que passar da voz grega para a latina: **cum templare**. Ora, **cum templare** apresenta dois sentidos: a) ocupar, no templo, o lugar de visão mais abrangente; b) partilhar um templo. Nisto há indicações que nos chamam a

atenção. Refiro-me a indicações de “abrangência de visão” e de “afinidade de convicções”. Com certeza os adeptos da teoria bio-antropológica do evolucionismo, imaginando estar ocupando o ângulo mais abrangente de visão da natureza, entendem-se muito bem entre si em razão de inequívoca afinidade de convicções; coisa que não se daria entre evolucionistas e adeptos da teoria (teológica) criacionista.

De qualquer maneira, o sentido atual do termo teoria não equivale mais à noção grega clássica, em razão dos efeitos da dinâmica histórica. Talvez hoje teoria devesse ser conceituada de forma semelhante à seguinte: é o conjunto de conhecimentos integrados por um princípio unificador que lhes empresta sistematização, compondo um campo abrangente do conhecimento (científico ou filosófico). Assim, quanto mais lúcido o conhecimento fatural, mais exige ele articulações teóricas capazes de organizar estruturas de conhecimento.

Como é sabido, a teoria nasce necessariamente da prática. Ela não cai de um imaginado “céu de princípios” sobre as ações humanas, mas, ao contrário, sobe do humano agir à condição de estrutura de pensamento. Está certo dizer-se que a teorização é algo mais abstrativo; porém, a abstração teórica é abstraída do quê? certamente que do concreto. Eis a razão pela qual é inteiramente legítimo pensar-se as coisas na seguinte ordem: a ação humana levanta, para o homem, problemas; problemas suscitam reflexão; a reflexão leva, uma vez bem conduzida, à teoria, sendo que o até aqui elaborado deve reverter em benefício de uma ação mais consciente. Este, como se pode ver, é o grande movimento espiralar que descreve círculos ascendentes em direção ao aperfeiçoamento do conhecimento e da sabedoria.

Pois bem. A esta altura, devo fazer uma distinção didática importante: entre **investigação científica** e **atividade científica**. O que quero dizer é que toda investigação científica é uma atividade científica, porém, nem toda atividade científica é especificamente investigatória. Em específico campo da investigação científica, ignora-se a oposição entre teoria e prática; mas, certas atividades de ciência às vezes tendem a confirmar tal oposição.

Interessante seria elucidarmos que significado tem a teoria para a investigação científica.

Utilizarei um exemplo bem conhecido, a partir do qual será mais fácil dar as minhas explicações. "A ótica é uma parte da física sobremaneira atraente. Diversas observações realizadas nesse campo sobre os vários fenômenos da luz, levaram os cientistas ao conhecimento da propagação luminosa, da reflexão, da refração e da difração da luz. Observando-se diversos casos de cada qual desses fenômenos, foi possível elaborar hipóteses relativas à propagação luminosa, à reflexão, etc. Uma vez verificadas tais hipóteses pelos devidos recursos experimentais, resultaram leis que visavam explicar cada fenômeno luminoso em separado. De certa maneira, até se consumava o trabalho experimental. Iniciou-se, porém, a perceber que nesse conjunto de generalizações tão diferentes (lei de propagação, lei de reflexão, lei de refração etc.) evidenciavam-se dados essenciais que eram comuns a todas as leis. A partir daí foram deduzidas novas hipóteses mais gerais, que, submetidas a testes lógicos, conduziram a afirmações bem mais amplas - as TEORIAS" (MORAIS, 1988:81).

Marquemos os passos do acima descrito. Fatos isolados, em sua multiplicidade, uma vez observados conduzem à formulação do que chamaremos de hipóteses básicas, as quais possibilitam verificação experimental que, por sua vez, levará o pesquisador a leis ou generalizações. Até aí ainda estaremos na fase indutiva e experimental do processo. Ocorre, no entanto, que as leis ou generalizações levar-nos-ão a formular hipóteses mais gerais - que chamaremos de superiores; estas serão passíveis de verificação dedutiva que conduzirá às teorias propriamente. Ora, se as teorias pudessem dar origem a uma hipótese universal, esta, também sofrendo verificação dedutiva, haveria de conduzir a um sistema universal, sendo que este último lance (que vai da hipótese universal ao sistema) já não goza de crédito por parte de cientistas ou de epistemólogos. De qualquer forma, das chamadas hipóteses superiores para diante estamos em plena fase dedutivo-formal.

A função da teoria é facultar-nos explicações mais estruturais e abrangentes da realidade fenomênica. E aqui também

caberá um exemplo de esforço teórico vivido no mundo contemporâneo em impressionante experimento. “O experimento de Ohara (uma cidade-laboratório) no Japão deveria chamar a atenção de todo o mundo. Trata-se de uma pequena cidade criada artificialmente pelo governo, com finalidades de laboratório humano. Nela se encontra instalada e em funcionamento aquela que poderíamos apelidar de “uma tecnologia para o ano 2.000”; isto é, o cotidiano se apresenta quase que totalmente resolvido por avançadíssimos expedientes mecânicos e eletrônicos. Famílias inscrevem-se no Programa de Ohara, recebem excelente salário para irem habitar a sofisticada cidade (que calculo deva ter hoje entre 6.000 e 6.500 habitantes), tendo à sua volta equipes científicas de médicos, psicólogos, sociólogos, especialistas em economia humana e outros, para observá-las em seu viver cotidiano. A curiosidade governamental é: sentir-se-á bem o ser humano em meio a tal sofisticação tecnocientífica? Pois bem; um primeiro dado assustador se oferece à nossa reflexão: Ohara apresenta, proporcionalmente, o mais elevado índice de suicídios infantis do mundo; as crianças procuram a morte numa faixa entre 7 a 10 anos de idade. Soterradas pelo tédio de um mundo ao menos tecnologicamente resolvido, se auto-eliminam” (MORAIS, 1992: 87).

Os cientistas e pensadores que se encontram na condição de observadores privilegiados desse experimento tentam explicar o que se passa em Ohara. O conjunto interpretativo que apresentam têm pontos bem estabelecidos, os quais relacionaremos assim:

1) entendem que a população da cidade-laboratório encontra-se submetida a uma tônica existencial *necrófila*, no sentido tratado por Erich Fromm em sua obra *O coração do homem*, do final da década de 50. Isto é, os habitantes de Ohara vivem em contato com substitutos do viver que se traduzem por máquinas (para estudar, para se divertir, para locomover-se, para quase tudo). Isto quer dizer que há um lado anti-vida num cotidiano excessivamente mecanizado.

2) São, também, do ponto de vista de que a convergência instrumental implica em divergência humana, em termos de relações

intersubjetivas. Ora, se têm razão os fenomenólogos ao dizerem que "O homem é um ser-pelo-outro e com-o-outro", fica fácil de compreender-se a crise de auto-identificação que perpassa o viver daquelas cobaias humanas.

3) Vêem também, em tudo isto, uma massificação (sem "coletivização", que ainda seria humana), conducente à desindividuação.

4) Apontam, ainda mais, para que ritmos artificiais de excitação e repouso, conduzem a síndromes de estrangulamentos energéticos, as quais ou se traduzem por represamentos e estouros (somatizações específicas e localizadas), ou por "sangrias" energéticas constantes e não percebidas claramente, as quais fazem aparecer no sangue, com constância indevida, as chamadas **toxinas da fadiga**. Sob uma tão permanente e forte intoxicação o indivíduo estressado é capaz de tudo.

Veja-se: este é o conjunto interpretativo. Mas ele se faz possível por umas poucas idéias aglutinadoras como: "auto-identificação (crise), anomia e somatizações". É assim que já se vai construindo uma teoria que, por primeiro voltando-se para o caso particular de Ohara, logo passa a valer para compreensão de todo ser humano submetido à hipertecnologia. Por esta razão dizíamos atrás que a função da teoria é a de alcançar explicações mais estruturais e abrangentes de dados fenomênicos.

Voltemos à tônica da preocupação da presente exposição.

Aquele que se conduz criteriosamente em campo científico, dimensiona com equilíbrio e muita sutileza teoria e prática. Cada qual delas com seu valor, com seu "peso específico"; ambas complementando-se no trabalho lúcido, sem a oposição de início aventada. Daí razão pela qual o desdém pela teoria tem conseqüências variadas e problemáticas. 1º) O desdém pela teoria é negação da historicidade cumulativa do conhecimento e da intersubjetividade do saber científico. 2º) Tal desdém é criação de espaço para estereótipos e gratuidades perigosas. Tenho encontrado muitos terapeutas que dizem: "Tenho ótima intuição terapêutica e confio nisto. Sobra-me pouco tempo para o estudo teórico". Ora, na medida em que se tenha muito boa intuição terapêutica, tem-se certamente algo muito importante, uma dádiva divina que deve ser

usada plenamente. Mas daí dizer-se que a melhor intuição terapêutica dispensa o profissional do conhecimento teórico acumulado por toda uma comunidade científica... isto é absurdo. 3º) O menosprezo pela teoria é abertura de espaço para preconceitos travestidos de ciência. Trata-se, todavia, de algo que não pode convencer permanentemente. 4º) Sobretudo, o desdém pela teoria pode significar a queda na cilada do dogma. Afinal, a realidade que nos circunda é múltipla e polidirecionada; a plurivocidade do mundo não pode receber uma "leitura" unívoca. Como bem observou o filósofo Gabriel Marcel, a univocidade interpretativa é uma abstração geradora de ideologias, desastres e guerras (Os homens contra o homem).

COMO CONCLUSÃO

Muitas vezes o conhecimento teórico (isto para não dizer quase sempre), enquanto cultura de fundo e mesmo recurso imediato, é salvaguarda contra equívocos os mais indesejáveis. Lembremo-nos do óbvio: somos seres falíveis e sempre estaremos sujeitos ao erro; no entanto, se temos o direito de errar, temos também o dever de evitar o erro sempre que possível. Cientistas do mais alto nível e epistemólogos sérios são unânimes quanto à necessidade do espaço teórico como recurso de elevação da qualidade da prática.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- VÁSQUEZ, A. Sánchez., *Filosofia da práxis*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.
- MORAIS, Regis de., *Filosofia da ciência e da tecnologia*, Campinas, Papirus, 1988.
- _____, *Estudos de filosofia da cultura*, S. Paulo, Edições Loyola, Coleção "Filosofia", 1992.
- LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. de A., *Metodologia científica*, S. Paulo, Atlas, 1982.